

# A Bouquet à Angeja

(SEMANARIO)

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 1\$500, 8 mezes 1\$000, 4 mezes 500, Brasil 3\$000 reis.—Numero avulso no proprio dia 20 rs. Passado o dia 40 reis.

## REDACTORES

RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO E ANNIBAL VASCO LEÃO

## ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha 40, Repetições 20, Reclames no corpo do jornal 50 reis.—Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.

## SUMMARIO

O sacrificio de Jesus (prosa), Soares Romeo Junior.  
Revista Internacional.  
Cindasunda ou o Brasão de Coimbra (folhetim em verso), J. Freire de Serpa.  
Noticiario.

## Secção litteraria

Austerlitz (prosa), J. F. de Vasconcellos.  
O poeta moribundo (poesia), Pedro Xavier.  
Uma lenda do seculo III (prosa), Heli Mathat.  
O adeus do pai (poesia), Pedro Xavier.  
Horas vagas [charadas novissimas], Narciso d'Albuquerque.

ANGEJA, 13 DE ABRIL DE 1887

## O SACRIFICIO DE JESUS

**C**AMINHA sob o peso d'uma cruz que os seus juizes lhe lançaram; cabe sobre as lages frias d'onde o arrasta por dura corda uma turba infrene; levanta-se banhado em sangue das feridas abertas pela queda; torção, amargura, e caminha sem amaldiçoar ninguém. Elle, o Senhor do mundo, que a um aceno de sua vontade podia reduzir essa turba sequiosa do sangue do Justo!

Mas não, estava promettido no Eden desde a queda do primeiro homem, o Reparador; estava escripto pelos prophetas da antiga lei, que o sangue do filho de Deus, seria o preço do resgate da humanidade; cumpria-se o promettido, realisava-se a predição e o Filho da Virgem curvava-se aos decretos de seu Eterno Pae.

Senhor! Senhor! exclamavam, em côro, umas piedosas mulheres que o seguiam ao calvario. Não choreis por mim, respondeu o Divino Mestre, choraes antes por vossos filhos, que este sacrificio é a minha gloria, este o preço por quanto compro o

resgate dos homens em todos os seculos futuros!

E estas palavras eram abafadas pela vozearia de escarneo, de injurias, mas nem assim todo esse clamor teve força para as extinguir, nem com dezoito seculos passados as tem esquecido a humanidade.

Mas é chegado o termo da viagem, lá está no cimo do Calvario, despem-n'o, pregam-n'o n'essa mesma cruz e arvoram-n'o entre dois malfetores, como se fóra um d'elles. Elle, que prégou no mundo a mansidão, a abnegação e a caridade!

Lá em baixo, na cidade outr'ora mimosa de Deus, na dissoluta Jerusalem, os juizes e magnates adormecem no meio das orgias e quando vier o bruxolear da manhã, quando os fumos dos licores se dissiparem, nem mais se lembrarão do drama sanguinolento do Calvario.

Tripudias sobre a victima, delegados de Roma pagã e luxuriosa, enchei as vossas taças, filhos degenerados de Jerusalem, que da vossa cidade maldita, nem pedra ficará; e vós, escravos do Cesar, vede que os vossos idolos sensuaes nemem nos seus pedestres de barro, porque a aurora da liberdade, da justiça e do amor fraterno começa a raiar no Golgotha, n'esse monte, onde quizeste abafar em sangue a doutrina d'um grande philosopho, d'um grande legislador, do Filho de Deus.

Esperavam os da raça hebréa um grande cavalleiro, appareceu-lhes pobre e não crearam nelle, e a sua doutrina era despresada pela altiva Roma e sabeis porque?

Ella era o latego constante d'essa vida do lupanar em que os povos viviam. Mas terminou o sacrificio, a cabeça do Christo pende desfallecida sobre aquelle peito generoso, o monte fendido deixa ver os ossos sahidos das campas, e á claridade frouxa da lua, que rasga as trevas medonhas, vê-se a Mãe afflicta, attonita, abraçada á cruz do filho, que lhe morrera alli. O mães, vós que acalentastes aos

peitos os filhos do vosso amor, que muitas vezes vos despistes para os cobrirdes, dizei-me vós d'aquella dôr, dizei-me das palpitações de vossos corações, dos vossos sustos, receios e das vossas lagrimas, quando á cabeceira de vossos filhos velaveis na sua agonia.

Oh! a Mãe de Deus é exemplo para todas as mães, como a cruz do Filho é o apoio seguro, é a aurora de salvação da humanidade inteira.

Soares Romeo Junior.

## REVISTA INTERNACIONAL

**O**S enviados do sultão e sir H. Drummond Wolf tiveram já duas conferencias sobre a questão egypcia, mas ambas infructiferas. A occupação ingleza não parece terminar tão cedo e por conseguinte fica adiada a neutralisação d'esse paiz, que foi dos primeiros a apontar a civilização ao mundo, attenta a repugnancia do rei ottomano para tal facto. Mas uma vez esta interminavel pendencia fica esperando da successão dos tempos e dos factos a sua resolução.

Alexandre III, sem duvida pouco lembrado do acontecimento que a 13 de março de 1881 enlucou o imperio moscovita, continúa na mesma intransigencia e pela sua parte os nihilistas, continuam com novos attentados. E' em toda a parte em que se apresenta o imperador, que elles apparecem com os seus materiaes de guerra. E' escusado até falar nas tentativas de czarcidio, visto que na Russia parece estar na ordem do dia.

O que se deve registrar com prazer é que o herdeiro dos Ivans, parece pouco inclinado a cumprir o testamento de Pedro, o Grande, e não será por conseguinte, a continuar

procedendo da mesma forma, este czar o que dilatará as fronteiras do imperio, que Rurik fundou em 862, do mar glacial até Constantinopla e dos Uraes pelo Turkestan, Persia, Agfanistan e Belutschistan, até talvez Pekim ou Yedo. Os limites da fronteira afgan vão ser traçados em ordem e pacificamente, não havendo portanto que receiar tensão de relações entre os gabinetes de S. James e S. Petersbourg.

Falla-se em Vienna d'Austria, que o snr. Katkoff, director da Gazeta de Moscow, foi intimado, com ameaça de morte, para empregar a sua influencia, que dizem tem, ante o czar, para que este dê ao paiz uma constituição, cujas bases foram traçadas pela junta revolucionaria.

Esperemos os acontecimentos e diga-se de passagem que o snr. de Giers, celebre estadista moscovita, foi ou vai ser creado gran chanceller do imperio russo. De modo que já a Russia tambem conta um chanceller para oppôr á Allemanha. E' desejavel que tenha mais pacificas intenções do que teve o snr. de Bismarck, cujo poder é tal e todos o sabem, que com um aceno, mandará a Europa a sangrar, e um medico que receia de alguma congestão, por abundancia de sangue ou alguma congestão. O snr. de Bismarck não quer isso.

Em 70-71 mostrou á França o que desejava sobre a Inglaterra que não nientemente goza muita influencia talvez d'aquella sabina que trahiu o pai dos conquistadores romanos.

A comedia-tragica, que a Bulgaria representado, continúa na mesma e receia-se que aquelle venha a toldar com algum imprevisto o formoso horizonte da Europa, que os seus arbitros da paz e da guerra, ousado, ha annos, interromper

## FOLHETIM

## CINDASUNDA

OU

## O Brasão de Coimbra

(SOLAU)

(Ao Ill.º Sr. F. L. M. d'Albuquerque)

## CANTO I

«Já tocaram charamelas,  
já tangeram atabales,  
—guerra! guerra!—já resoa  
pelos montes, pelos valles;  
Ataces, rei, senhor nosso,  
ponde cobro a tantos males!

Hermenerico vem ante  
com seus olhos de dragão,

com seus bigodes torcidos,  
com sua voz de trovão,  
broquel doirado no braço,  
hastea de ferro na mão.

Já tocaram charamelas,  
já tangeram atabales,  
—guerra! guerra!—já resoa  
pelos montes, pelos valles;  
Ataces, rei, senhor nosso,  
ponde cobro a tantos males!

Traz um drago por divisa  
lá no meio do pendão;  
traz gigantes e elefantes  
em seguida do guião;  
nunca vi tão bruta gente,  
nem tão fero capitão.

Já tocaram charamelas,  
já tangeram atabales,  
—guerra! guerra!—já resoa  
pelos montes, pelos valles;  
Ataces, rei, senhor nosso,  
ponde cobro a tantos males!

Matam nossos rosentais,  
comem-nos o nosso pão,  
esmagam nossos filhinhos,  
queimam-nos aido é mansão,  
levam as nossas zagalas,  
—negra dôr do coração!

Já tocaram charamelas,  
já tangeram atabales,  
—guerra! guerra!—já resoa  
pelos montes, pelos valles;  
Ataces, rei, senhor nosso,  
ponde cobro a tantos males!

O mensageiro  
assim dizia;  
e el-rei Ataces  
lhe respondia:

«Ordenai-vos, meus cavallos,  
ordenai-vos, meus peões,  
cingi adagas e lanças,  
desenrolai os pendões;  
ávantel pelos alânos!  
ávantel meus coimbrões!

«Já vencemos os da Grecia,  
já vencemos os germanos,  
já vencemos os helvecios,  
já vencemos os romanos,  
já vencemos os da Gallia,  
já vencemos os hispanos;

«ávantel pelos leões!  
ávantel meus coimbrões!»

D'Hercules o bastião,  
eil-os 'hi que vão descendo;  
—roucos tambores tangendo,  
Mondego abaixo lá vão.

Fade-os Deus bem;  
e a nós tambem.

Debruçam-se nas ameias  
mães e esposas, tão coitadas,  
as madeixas desgrenhadas,  
gelado o sangue nas veias.

Fade-os Deus bem;  
e a nós tambem.



**Estada.**—Esteve no Porto o snr. general José Paulino de Sá Carneiro, que ultimamente representou o seu paiz nas festas commemorativas do monagenario do rei Guilherme.

S. ex.<sup>a</sup> partiu já para Lisboa, tendo sido cumprimentado pelos principaes personagens da scena politica portuense, auctoridades, seus amigos particulares e mais pessoas, entre que conta vivas sympathias.

SECÇÃO LITTERARIA

AUSTERLITZ

(Continuado do n.º 3)

Alexandre Ravelle, apologista de Napoleão, conta que o novo Rodolpho de Hapsbourg, no seu acampamento moravo, não tinha tenda, sendo necessario ao imperador, que por um modo tão extraordinario ia festejar nos campos d'Austerlitz, ao rugir da tempestade das espingardas e canhões, no fragor do grande combate, um dos factos mais importantes da sua vida, outro não menos importante para elle, qual era o da sua sagração em Notre-Dame-de-Paris por Pio VII, que os soldados lhe levantassem de ramos uma especie de barraca, com uma abertura no cima para dar passagem ao fumo.

Napoleão por leito apenas tinha palha e diz-se que foi n'este gosto, em que o seu traje e os objectos que o cercavam, nada apresentavam d'imponente para um espirito vulgar, que o ajudante de campo do czar, o veio encontrar, o que augmentou ainda mais a fraca ideia, que elle fazia dos soldados e imperador francezes.

Não deixou por conseguinte de ficar algum tanto, admirado quando ouviu Napoleão dizer-lhe secamente, despedindo-o:

«Vêr-se-á d'outro modo do que em conferencias diplomaticas, as differenças que separam os dois imperios».

O que Dolgorouski, á sua volta ao acampamento russo, contou ao czar, augmentou, como é de crer e Napoleão desejava, a louca exaltação dos cortezaos d'Alexandre.

O czar, além d'isso, enganado pelo movimento de retirada simulada, imaginava que o ardor victorioso dos francezes tinha diminuido, com a perspectiva d'um exercito de 400 mil homens, commandado por dois imperadores, tendo ás suas ordens generaes habeis.

O exercito russo taxava de cobarde o austriaco, tantas vezes vencido na Italia e ardia em desejos de vir ás mãos com os soldados de Napoleão; a nobreza moça, que cercava o czar, fazia especialmente notar-se por seu ardor presumçoso. Vendo que Napoleão tinha parado com a sua aguia imperial e não avançava mais, ella repelia com uma incrível segurança que Napoleão hesitava, estava intimidado e não ousava avançar até Olmütz, ao encontro do exercito russo, que tinha por aquella cidade e suas visinhanças grande copia de tropas.

Em vão generaes austriacos, encanecidos na guerra, que já tinham feito muitas campanhas contra Napoleão, tratavam de acalmar os animos moscovitas, affirmando que não se devia atacar com tal confiança um exercito, composto de tão bravos soldados e officiaes de primeira ordem, accrescentando que muitas vezes em Italia, viram o moço Bonaparte, reduzido a um punhado de genté, nas mais difficéis circumstan-

cias, reapoderar-se da victoria, que já lhe escapava, pelas mais rapidas e imprevisas operações, destruindo exercitos, que orgulhosos do seu numero e posição, se reputavam invenciveis.

Queriam persuadir prudencia aos temerarios scythas, recordando-lhes que, desde o começo da campanha, nenhuma vantagem obtivera ainda o exercito colligado, tendo-as, ao contrario, obtido innumeraveis os francezes, desde a sua passagem do Rheno e promettendo continuar até á volta a França ou seu completo desbarato.

Em vão o velho Kutusof, receiando ir d'encontro a sentimentos, que elle sabia partilhava o czar, seu senhor, se arriscava todavia a dizer timidamente que não seria tudo tão completamente, como o julgavam os russos; em vão o principe Czartoryski, conselheiro d'Alexandre, affirmava que se Napoleão não avançava não era porque tivesse receio; só militares sem experiencia podiam pretender que um tal homem tivesse medo.

Estes conselhos da sabedoria foram desprezados e os que cercavam Alexandre persistiam em correr á frente do desastre, que ia bem depressa castigar a sua louca temeridade.

Entretanto Napoleão, senhor de Brünn, tinha estudado com cuidado a sua posição por bastantes dias e tinha ido estabelecer o seu acampamento em frente do castello d'Austerlitz, que pertencia á familia Kautnitz, ao passo que o exercito austro-russo vinha já marchando d'Olmütz sobre Brünn, vindo cada vez mais confiado na bravura de 80 mil moscovitas, no entusiasmo que lhes inspirava a presença do czar, no corpo d'élite da guarda imperial e em fim nos talentos militares dos seus generaes, que elles elevavam muito a cima dos de Napoleão.

Despedido o principe Dolgorouski, o grande general francez deu immediatamente ordem de concentração ás suas forças, entre Brünn e Austerlitz, apoiando-se d'um lado nas collinas, cobertas de florestas, da Moravia e do outro nos tanques gelados de Satschan e de Menitz, de que se propunha tirar um terrível partido.

Tudo se ia preparar para a grande e decisiva batalha, que ia terminar a campanha da Moravia, aniquilar de vez os austriacos irrequietos e dar ao Imperio aquelle lustre e alcance politico-militar, que Marengo, a 13 e 14 de junho de 1800, tinha dado ao Consulado.

São tão numerosos os chronistas da batalha d'Austerlitz, como todos os que se occupam do Cesar d'este seculo, que talvez levem a palma aos descendentes d'Abrahão e as suas relações são por isso tantas e tão diversas, que mui difficil se torna entre ellas todas ou parte buscar o que mais se approxime da verdade.

Temos presente uma relação do pessoal do exercito, que manobrou na batalha d'Austerlitz, mas collocada aqui seria uma infracção ás leis da delicadeza, falta imperdoavel, que o leitor, inimigo d'uma carga historica, levaria mais a mal do que a applicação d'uma grossa de Rigollots em pleno gozo de saude.

Dispensamo'-nos portanto d'isso, contentando-nos unicamente com leves e resumidas indicações.

O general João Sarrazin, que commandava a segunda divisão do corpo do marchal Augereau, que entrou na batalha, apesar de parte suspeita, por ser avesso a Napoleão e ter sido condemnado á morte por elle, a tempo que se achava em Londres a salvo das suas leis, merece

os nossos respeitos, como chronista do exercito francez n'esta batalha.

Os marchaes Bernadotte, Soult, Lannes, Ney e Augereau, com os generaes Marmont, Davoust, commandavam sete corpos, que constavam dos seguintes regimentos:

- Infanteria de linha . . . 50 regim.;
- » ligeira . . . 15 »
- Cavallaria ligeira :
- Hussardos . . . . . 9 »
- Caçadores . . . . . 11 »
- Hollandezes, commandados pelo general Dumonceau. 1 »

A cavallaria ligeira era distribuida pelos 7 corpos e commandada pelos generaes Kellermam, Lacoste, Vialanes, Margaron, Lasalle, Dupré e Augereau: n'estes 7 corpos havia 17 divisões, distribuidas ás duas e ás 3 por cada corpo.

- Além d'isto, mais :
- Granadeiros e Voltigeurs, reunidos ás ordens do general Oudinot . . . . . 1 corpo
- Dragões, commandados por Klein, Walther, Beckever e Beaumont, gen. . . . . 24 regimentos;
- Carabineiros, ás ordens do general Haultpoult . . . . . 2 »
- Couraceiros, ás ordens de Nansouty . . . . . 8 »

O general Murat, futuro grande-que de Berg, tinha o commando superior de toda esta cavallaria.

O marechal Bessiéres commandava n'esta época a guarda imperial.

Os Bavaros, ás ordens do general Wrede estavam da parte da Bohemia, fazendo face ao archi-duque Fernando.

O marechal Ney, com a sua 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> divisão, (Marchand e Malher), penetrou o Tyrol, onde já vimos que estava o arquiduque João, com 30 mil homens e deixou a sua 1.<sup>a</sup> divisão (Dupont), á 4.<sup>a</sup> do 5.<sup>a</sup> corpo, que commandava o marechal Lannes, (Gassan), e o marechal Mortier.

Esta relação é do 1.<sup>o</sup> de maio de 1806 e, por conseguinte, não será inteiramente exacta mas o general Sarrazin diz que ella nos pôde dar uma idea quasi exacta do estado do exercito bonapartista, não só na batalha d'Austerlitz, a 2 de dezembro de 1805, como na de Lena dada contra os prussianos, a 14 d'outubro de 1806.

Achava-se assim o exercito, quando Bonaparte, por motivo da sua retirada para Paris, deu o commando em chefe d'elle ao marechal Berthier, seu valido, secretario militar, futuro vice-condestavel, principe de Wagram, Neufchatel e Valangin.

(Continúa) J. F. de Vasconcellos.

O POETA MORIBUNDO

(Ao meu excelente amigo Luiz Maria M. Neozes e Meilo)

Tão cedo, inda tão moço,  
vergar á iniqua sorte,  
roubal-o a dura morte  
para tornar-se em pó!  
E' triste! é dura a lei!  
mas quem ha d'escapar,  
se ninguem pôde achar  
um só remedio, só?!

Vem vindo a primavera...  
nos jardins ha já rosas...  
nas sarças espinhosas  
tambem desponta a flôr...  
ah! que será do poeta!  
que terá? na verdade  
só talvez a saudade  
d'um já extincto amor!

Desponta a primavera...  
já vai ao carvalho  
a avesinha, o pardal,  
que começa a trinar...  
ah! que será do poeta?  
do seu passado encanto  
talvez o ultimo canto  
não possa já cantar!

Floresce a primavera...  
que tão lindos rosas!  
e a flôr dos giestais  
que parece tão bem!  
ah! que será do poeta?  
despede-se do mundo,  
quebrado, moribundo...  
o baixa á terra-mãe...

Renasce a primavera...  
que encanto! que magia!  
que formosa poesia  
inspira ao coração!  
ah! que será do poeta?  
quebrada quasi a lyra,  
quem ha que a desfira  
nas tabuas d'um caixão?

Já torna a primavera...  
que valles tão risonhos!  
oh! que formosos sonhos  
em noites de luar!  
ah! que sonha o poeta?  
n'esse ultimo momento,  
soltando o extremo alento,  
o que é que ha de sonhar?

Sonhar! que vã palavra!  
quem tal ha de dizer?  
na vespera de morrer,  
acaso sonha alguém?  
que sonhos os do poeta!  
recolhe... quebra a lyra...  
mas pensa... não delira,  
se alento inda lhe vem...

Já volta a primavera...  
que lindo ceu d'abril!  
que luar tão gentil  
se derrama no céu!  
ah! e que volta do poeta!  
lembranças do passado...  
da lyra em que ha tocado,  
no solo em que nasceu...

Que linda a primavera!...  
tudo brizas e rosas,  
cá na terra mimosas!...  
no ceu... 'strellas! luar!  
e no poeta?... a saudade  
da mãe da irmã distante...  
talvez da cara amante,  
que soube idolatrar...

Que bella a primavera!  
que lindos passarinhos,  
correndo em borborinhos,  
se nasce ou finda o sol!  
ah! e que triste o poeta!  
a sorte, que não falha,  
cedeu-lhe uma mortalha  
nas dobras d'um lençol!

Viçosa primavera!  
tu geras tantas rosas...  
hervinhas tão mimosas...  
aromas... tanto odor!...  
faz que, sobre o poeta,  
da carne, dos seus ossos,  
das tabuas dos destroços  
lhe brote uma só flôr!

Tão cedo, inda tão novo,  
já verga ao desalento!  
ligeiro como o vento  
na terra, só passou!  
morreu! finou-se o poeta!  
passou qual borboleta,  
ou inda qual cometa,  
que nunca mais voltou.

Tão cedo, inda tão novo,  
quebrou, partiu a lyra!  
não mais agora o inspira  
o aroma, a brisa, a flôr,  
o ceu azul do poeta,

d'estrellas cravejado,  
por soes illuminado,  
e a lua em pleno alvor !...

Tão cedo, inda tão novo,  
partiu... quebrou a lyra...  
ao poeta, quando expira,  
sempre ella vai finir !...  
sirva ao menos ao poeta  
lembrança tão fagueira !  
sempre esta companheira  
o tem d'acompanhar !

Porto—1887. Pedro Xavier.

UMA LENDA DO SEculo III

O SANTO-GIGANTE OU LEVA-CHRISTO

(AO MEU AMIGO J. ESTEVES VIZEU)

Diz-lhe a mulher: «Eu sei que  
está a chegar o Messias (Christo):  
quando elle vier todas as  
coisas nos annunciara...»  
Diz-lhe Jesus: «Eu sou, que  
fallo contigo...»

Dialogo entre Jesus e a Samaritana, junto  
ao velho poço de Jacob: S. João, esp. IV, 25, 26.

UMA lenda do seculo III pará a minha  
gentil leitora será talvez aborrecida,  
pela sua antiguidade, mas ha de con-  
cordar em que Virgilio, Homero, Sardanapalo,  
Cyro, Cleopatra, Confucio, Pharaó e milhares  
d'outros figurões e heroínas d'igual quilate são  
mais antigos ainda e ainda hoje nos divertimos  
a custa d'elles.

Trata-se d'uma coisa, que é não para des-  
presar, porque tanto a v. ex.\* como a mim nos  
deveria ter succedido o mesmo, quando em  
pequenos nos passava o santo-gigante, vestido  
de vermelho, sobre um carro, com um grande  
ramo de pinheiro na mão, se é que não era  
um pinheiro inteiro, com suas enormes barbas  
e olhos bogalhudos, tirado por mela duzia de  
garotos com toda a pompa e hilaridade junta-  
mente (confesse-se o que é verdade), á frente  
da procissão de Corpus-Christi, em quinta-feira  
do mesmo, segundo era d'uso na povoação  
transmontana, em que tive a honra de nascer.

Uma moça velha, que eu tinha, cuja sua  
melhor qualidade era crer tão fielmente no  
diabo como em Deus, não contente com ater-  
rar-me com o inferno, o papão, a manga d'um  
certo frade, que ella sabia e outras coisas mais,  
causava-me um susto horrendo com o santo-  
gigante, que me fazia suar, se o lobrigava á  
esquina da minha rua.

E' provavel que a v. ex.\* tenha succedido o  
mesmo.

A lenda, que eu vou contar-lhe, feita a  
apresentação, refere-se ao anno 251 de J. C.,  
mas na verdade ella só foi escripta em 1555,  
reputando-a o meu chronista como fabulosa, o  
que na verdade não era preciso dizer-se, para  
o sabermos. Ajunta o mesmo chronista que  
devemos crer na existencia do santo, attenta  
a sua antiga veneração na maior parte das  
egrejas da christandade.

Christovam era do paiz de Canaan, tinha o  
olhar feroz, 7 pés d'altura e vivia na Cananea,  
quando um dia, vendo um rei do seu torrão  
natal, teve a singular mania de procurar o  
mais poderoso monarcha da terra.

Disseram-lhe que era um certo principe,  
com quem elle foi ter, recebendo-o elle muito  
bem e conservou-o na sua corte. Porém um  
dia um bobo recitou perante este principe uma  
canção, em que se fallava no diabo muitas  
vezes, ao que o rei, que era christão, fazia sem-  
pre o signal da cruz, inteiramente á semelhan-  
ça da moça velha e mirolha (esqueci-me d'esta  
circumstancia), que eu tive em pequeno.

Christovão admirou isto e pediu ao rei que  
lhe explicasse porque fazia aquillo; este porém  
negou-se. Então, Christovam disse-lhe:

«Se não me explicas o que fazes, não fica-  
rei mais um dia ao pé de ti.»

O rei viu-se obrigado a dizer-lhe:

«E' porque tenho medo ao diabo...»

«Se tens medo, replicou o gigante, é por  
que elle é mais poderoso e maior que tu.  
Adeus, vou procurar o diabo, afim de o servir,  
como a meu senhor.»

E eis ahí Christovam saltando pela porta  
fóra, em busca do diabo, o que francamente  
confesso que não faria eu em tal caso, porque,  
com quanto nunca o visse, algum dotado de  
melhor aparelho optico que a minha pessoa,  
creio que o tem já visto e me tem feito tal  
descripção que é de fugir montes e vales a pé  
de cabra, gamo ou mesmo a sete pés.

O nosso Christovam pois, em busca do anjo  
mau, passou por um deserto e encontrou um  
grande numero de soldados, um dos quaes,  
com feroz semblante, lhe perguntou onde ia.

«Eu vou procurar o senhor diabo, (*Dominum  
diabolus*), afim de o servir,» lhe respondeu  
Christovam.

«Pois bom ! disse elle. Eu sou aquelle que  
tu procuras.»

Era com effeito o tal snr. diabo, que se ti-  
nha declarado e Christovam, muito alegre  
(muito alegre ! olhem se fosse eu !...) por este

encontro, prometteu servir sempre o anjo  
mau.

Porém não era ainda este quem procurava  
o gigante e a minha gentil leitora vai vel-o já.  
Pouco depois de Christovam se pôr a cami-  
nho com a sua nova companhia, indo por uma  
estrada adiante, via-se uma cruz lá ao fim. O  
diabo, assustado, desviou-se immediatamente  
e depois de ter andado por maus caminhos e  
escabrosos, tornou a vir á estrada e seguiu-a  
adiante. Christovam porém admirado pergun-  
tou ao diabo d'onde vinha tão grande medo  
para fazer-lhe abandonar assim o seu caminho.

N'este momento, o diabo preferiria antes  
ter estourado ao pé da cruz, segundo resava  
que fazia a minha velhota, do que ter de de-  
clarar-se ao gigante: foi pois com susto e re-  
ceio de perder tão boa presa que o demónio se  
explicou:

«Um certo homem, chamado Christo, foi  
pregado n'uma cruz e eis ahí porque eu temo  
á vista d'ella.»

«Portanto o Christo é mais poderoso do  
que tu: tenho perdido tempo e trabalho e ainda  
não encontrei o mais poderoso monarcha da  
terra.»

Christovam começou a procurar o novo rei  
e andou muito tempo sem encontrar quem lhe  
desse novas da capital do seu reino, até que  
encontrou um eremita, que o catechizou e lhe  
disse que para servir este rei era preciso jejuar  
frequentemente. Boa maneira de servir um  
rei !

«Dai-me alguma outra pratica, disse Chris-  
tovam, para servir Jesus Christo.»

«Conheces, lhe tornou o eremita, uma  
ribeira, cuja passagem é difficil e perigosa? Tu  
és alto e forte e por isso, se quizeses habitar  
ao pé da ribeira e passar todos os viajantes,  
farias uma coisa agradável a Jesus Christo.  
Espero que elle se te fará conhecer.»

Logo Christovam foi edificar uma pequena  
casa ao pé da ribeira e, encostando-se a uma  
grande vara, em lugar de bengala, passava  
todos os que se apresentavam. Decorrido al-  
gum tempo, veio um menino, que gritou:

«Christovam ! sai e vem passar-me.»

O gigante correu depressa, mas ninguem  
encontrou.

Repetiu-se a mesma scena, passado pouco.

Tercera vez clama a mesma voz:

«Christovam ! sai e vem passar-me.»

O gigante saiu e encontrou um menino na  
margem da ribeira. Pô-lo ás costas e começou  
a vadear a ribeira, que repentinamente en-  
grossou, ao passo que o menino se tornava  
mais pesado que chumbo. O gigante começou  
a atrapalhar-se, porque quanto mais avançava,  
tanto mais se elevava, cruzando a agua da  
ribeira, e augmentando o peso do pequeno.  
Christovam, repentinamente, dobrou de  
esforços e só foi salvando o pé na margem  
que respirou, d'acaso de morrer. R.

«Expozeste-me a um grande perigo: ainda  
que tivesse transportado o mundo inteiro, não  
levaria maior peso.»

Respondeu-lhe o pequeno:

«Não só levaste todo o mundo, mas ainda  
aquelle que o creou, porque eu sou Jesus Chris-  
to, teu rei e para prova da verdade de minhas  
palavras, espeta o teu bordão na terra e á ma-  
nhã terás flores e fructos.»

Assim fez Christovam, que, pelo visto, se  
parecia um pouco commigo e com S. Thomé,  
e no dia seguinte, viu a sua vara transforma-  
da n'uma bella palmeira, carregada de flores e  
fructos.

Acaba aqui a procura do gigante, que d'esta  
vez, não se tinha enganado no achado e come-  
ça o seu tyrocínio de beatitude para alcançar  
o reino do ceu.

Algum tempo depois foi a Samão, cidade  
da Lycia, onde eram perseguidos os christãos,  
dos quaes elle fortificou os que estavam nos  
tormentos e converteu além d'isso 8 mil ho-  
mens. O rei da Lycia mandou 200 soldados o  
logo apóz outros 200 para o prenderem, porém  
elles não o tocaram e converteram-se. Em se-  
guida foi ter com o rei, que ficou assustado ao  
vér Christovam, outro tanto me succederia a  
mim, sem ser rei, nem mesmo das tabuas, em  
que nasci.

Todavia o monarcha interrogou-o e empre-  
gou quantas promessas e ameaças pôde para  
induzil-o a sacrificar aos idolos, mas em vão.  
Em vista da formal recusa, mandou prendel-o  
e decapitar os 400 soldados, que tinham incor-  
rido no real desagrado.

Depois mandou castigar o gigante com va-  
raes de ferro; collocar-lhe na cabeça um capete  
de ferro em braza e mandou estendel-o  
sobre um banco de ferro, sob que se lançou  
fogo e pez.

A' enorme temperatura, acima de 1000 gr.  
C., segundo nós hoje sabemos, o banco funde  
como cera e Christovam fica são e salvo. O rei  
lycio então mandou prendel-o a um poste e  
ordenou lhe arremessem frechas a 400 sol-  
dados.

Porém, com grande espanto seu, as frechas  
ficam como que detidas no ar e não o alcan-  
çam, só uma d'ellas seguiu caminho opposto,  
retrogradando e veio cravar um olho ao rei, a  
quem disse Christovam:

«O meu martyrio acabará ámanhã: tu, ó  
rei, porás sangue meu no teu olho e sararás.»

No dia seguinte o rei lycio mandou degolar  
o gigante e, collocando sangue da cabeça do  
martyr, no olho, curou: foi então que só, con-  
forme reza a lenda, creu no verdadeiro Deus  
e abraçou o christianismo.

Foi muito tempo e creio é ainda preconcei-

to popular que olhando de manhã a imagem  
de S. Christovam, se não morreria no dia e  
noite seguinte, pelo que costumavam elevar á  
entrada das egrejas estatuas gigantescas do  
Leva-Christo. Que bom amor da vida este dos  
antigos christãos !

E eis como acabou, no anno de 251 de J.C.,  
transformado em santo, o homem de Canaan,  
que servia successivamente um rei qualquer,  
o snr. diabo, Jesus Christo, assustado por ul-  
timo o rei da Lycia, que salvou e de quem foi  
victima.

Muitas estatuas colossaes tem sido erigi-  
das em memoria do santo, á frente dos tem-  
plos, mas d'ellas nenhuma, avança o meu  
chronista, talvez mais monstruosa e maior que  
a que se via na assaz bella cathedral d'Anxer-  
re, em romano *Antissiodorum*, antiga cidade  
de França, sobre o Yonne, celebre por seus  
estimados vinhos, a 44 l. S. E. de Paris.

Este colosso tinha 29 pés d'altura, ainda  
que estivesse um pouco inclinado, como ho-  
mem muito carregado.

Tinha 16 pés de largura, um pé d'abertura  
cada olho longitudinalmente e 9 pollegadas  
transversalmente. A bocca tinha 15,5 pollegadas,  
cada braço 6 pés e 2 poll., cada mão 3 pés  
e 2 poll., as pernas 6 pés, a barriga da perna  
6 pés e 2 poll. em circumferencia. Tinha o me-  
nino Jesus ás costas, com as pernas passadas  
ao redor do pescoço e os pés sobre o peito. Este  
menino para menino era bem monstruoso,  
pois pela descripção que tenho aqui ainda é  
maior que um caseiro das cercanias do logare-  
jo, onde nasci, homem que mal me cabe em  
casa, desafiando em altura a torre dos Cleri-  
gos ou a outra famosa de Vienna d'Austria.

Da cabeça á ultima vertebra do cocyx este  
menino tinha 10,5 pés, cada pé tinha 2 pés e  
8 poll. de cumprimento e 1 de largura. Que  
menino este !

O bordão, a que S. Christovam se arrimava,  
era um tronco d'arvore, muito rodoso, que ti-  
nha cerca de 32 pés d'altura, 10,5 metros! Ou-  
tro tanto não tem a minha casa, querida lei-  
tora: que differença !

Ainda para mais, esta estatua apoiava-se  
n'um pedestal de 11 pés d'altura: porém já  
nada hoje existe, pois em 1768 foi derribado o  
colosso.

Faz-me lembrar a estatua de bronze d'A-  
pollo na ilha de Rhodes, justamente dita a 6.<sup>a</sup>  
maravilha do mundo. Tinha os pés sobre dois  
rochedos e tinha umas taes pernas, que os na-  
vios largavam á vela por entre essas pernas  
do colosso, entrando e saindo pelo porto de  
Rhodes. Tinha um tarol na dextra, para indi-  
car a entrada do porto. Derribada 56 annos  
depois d'edificada por um tremor de terra,  
passados 900 annos foram retirados os destro-  
ços que carregaram 900 camelos.

Que dois colossos !

Porto—31—3—37. Heli Mathat.

O ADEUS DO PAI

(A MINHA MÃE)

Ai! adeus! acabaram-se os dias,  
que ditoso vivi a teu lado!  
Soa a hora, o momento fadado  
o é forçoso deixar-te e partir!  
A. A. SOARES DE PASSOS.

Não tarda, filha, não tarda  
que a minha luz já se apague  
e eu então de todo acabe  
para o mundo e para ti...

HORAS VAGAS

CHARADAS NOVISSIMAS

(ACROSTICO-DUPLO)

beira da musica, é trabalho de senhora—2—1  
ou irmão da senhora que prende de mão a mão—2—2—1  
overnador que canta é grande á borda d'agua—1—2—1  
xiste, mas não é boa senão para os incendios—1—1  
a fonte, e em qualquer sitio é uma ave—2—2  
enho em vista uma nota, a que chamam folha—1—1—1  
rradia um rio lá na Turquia—1—1  
ilencio! que é o volume d'um tecido de seda—2—2  
inda senhora, senão fosse uma planície—2—1  
redonda, mas na musica é appellation—2—1  
llustre, mas detestavel!... se é um doencal!...—1—2  
odos temos o animal em casto occulto—1—1  
rio com a primeira, é um vegetal—2—1  
tribue o soffrimento!... se libéral!...—1—1  
nota de musica, aberta um logo—1—1—1  
uja esta droga d'embarcação—1—2.  
Porto. Narciso d'Albuquerque.

Decifração do logogrifho do numero 4.\*: — Grande dictionario contem-  
poraneo.

Teve 2 decifradores, os ex.™s snrs. Julio L. da Silva, (a quem foi en-  
tregue o premio) e João Augusto Ernesto.

Imprensa Real de Pereira da Silva, Praça de Santa Thereza, 45—Porto.

mas, ah! seja-me inda grata,  
seja-me grata a lembrança  
de que esta loura creança  
se não esquecerá de mi...

Filha! filha! vou partir  
e vou em longa romagem  
para incognita viagem  
para onde? ai! nem eu sei.  
cerra-se a campa e quem diz,  
quem diz o que o fundo encerra,  
se inda ninguem sobre a terra  
escapou á dura lei?!

Filha! filha! ai! é tão cedo!  
e tu... inda tão novinha...  
vou deixar-te, coitadinha!  
ficas tão cedo sem pai!  
mas não chores, meu anjinho,  
que ha muito reserva a sorte  
ao que existe, a tudo, a morte...  
e é morrer sem dar um ai!

Minha filha, anjo adorado,  
mergulhada na orfandade,  
tu inda... inda uma saudade  
dedicarás a teu pai...  
oh! sim! lembra-te de mim,  
d'estes momentos sagrados...  
e, quando dobre a finados,  
tu manda aos sinos: «Parae!»

Não chores, filha, não 'stranhes  
que assim te faça soffrer,  
que já 'stou quasi a morrer  
e só se morre uma vez...  
ai! não te cause por isso  
este meu pranto estranheza...  
scenas d'esta natureza  
não mais as verás, talvez...

Filha! filha! teu amigo  
eu fui sempre e mais o sou...  
mas agora partir vou  
para... d'onde não virei...  
não trajes, filha, de lucto,  
nem deixes tocar os sinos,  
não vás a officios divinos,  
que co'isso não voltarei.

E' inutil, minha filha,  
tu, meu anjo de pureza,  
por's em teu corpo a tristeza,  
quando a tens no coração...  
essa, sim! que me consola...  
oh! abençoada verdade!  
dedicarás a saudade  
a teu pai e ao mundo não!

Minha filha estremecida,  
'stou com tanto cansasso...  
oh! dá-me... dá-me um abraço,  
que será o ultimo... adeus!  
oh! adeus! filha adorada!  
adeus, anjo de candura!  
vou baixar á sepultura...  
consolem-me os beijos teus!...

Porto, sabbado d'Alleluia, 1887. Pedro Xavier.